

Amizade, inimizade e cânone literário:

a camaradagem como um aspecto na canonização de autores, o caso do *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, de Lima Barreto

Daniela Siqueira

RESUMO

Este trabalho propõe reflexões sobre como as relações de amizade/inimizade e pertencimento/não-pertencimento podem influenciar a aceitação ou rejeição de obras literárias. O romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), de Lima Barreto foi mal-recebido e praticamente ignorado pelos comentadores literários dos jornais da época de sua publicação, por ser um *roman à clef*, que satirizava figuras importantes da época. O *roman à clef* é um gênero romanesco em que pessoas reais são retratadas como personagens ficcionais, tendo suas identidades mascaradas. Nesses romances, em sua versão satírica, é comum a exposição de intimidades e da hipocrisia de pessoas de grande notoriedade. O retrato jocoso de importantes senhores, literários e intelectuais, feito por Lima Barreto na época de seu romance de estreia foi determinante para a discriminação sofrida por sua obra, atrapalhando o início de sua carreira literária. Porém, dois outros romances do mesmo gênero, publicados na mesma época do *Recordações* foram bem aceitos: *A Conquista*, de Coelho Neto (1899); e *A Esfinge* (1911), de Afrânio Peixoto. Mesmo se tratando de *romans à clef*, os dois romances não sofreram por isso nenhum tipo de crítica negativa, sendo que seus autores foram canonizados pois ambos foram eleitos à Academia Brasileira de Letras. Já Lima Barreto tivera seu ingresso negado nas três vezes em que a ela se candidatou. Entre os critérios de seleção da crítica, seria a camaradagem um aspecto importante na canonização de autores?

Palavras-chave: Lima Barreto, *Roman à clef*, Consagração literária.

Amistad, enemistad y canon literario: El compañerismo como aspecto en la canonización de autores, el caso de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, de Lima Barreto

RESUMEN

Este trabajo propone reflexiones sobre cómo las relaciones de amistad/enemistad y pertenencia/no pertenencia pueden influir en la aceptación o rechazo de obras literarias. La novela *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), de Lima Barreto fue mal recibida y prácticamente ignorada por los comentaristas literarios de los periódicos en el momento de su publicación, por ser un *roman à clef*, que satirizaba figuras importantes de la época. El *roman à clef* es un género novelístico en el que personas reales son retratadas como personajes de ficción, teniendo sus identidades enmascaradas. En estas novelas, en su versión satírica, es común la exposición de intimidades y de la hipocresía de personas de gran notoriedad. El retrato humorístico de importantes señores, literarios e intelectuales, hecho por Lima Barreto en el momento de su primera novela fue determinante para la discriminación sufrida por su obra, obstaculizando el inicio de su carrera literaria. Sin embargo, dos otras novelas del mismo género, publicadas en la misma época que *Recordações* tuvieron buena aceptación: *A Conquista*, de Coelho Neto (1899); y *A Esfinge* (1911), de Afrânio Peixoto. Aunque son *romans à clef*, las dos novelas no sufrieron ningún tipo de crítica negativa, siendo que sus autores fueron canonizados ya que ambos fueron elegidos a la Academia Brasileña de Letras. Ya Lima Barreto había sido rechazado en las tres ocasiones en las que se postuló. ¿Entre los criterios de selección de la crítica sería el compañerismo un aspecto importante en la canonización de los autores?

Palabras clave: Lima Barreto, Roman à clef, Consagración literaria..

The Author

Daniela Siqueira é brasileira. Mestre em Letras, Estudos de Literatura pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). É Bacharel e Licenciada em Letras Português/Francês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Desenvolve pesquisa sobre *roman à clef* e Lima Barreto. Participa do projeto de Pesquisa e Tradução de textos-chave sobre o gênero *roman à clef* credenciado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA). Participa igualmente do Projeto Cinema de Grupo e Práticas de Cuidado, credenciado pelo laboratório Kumã da Universidade Federal Fluminense (UFF). Participa também do grupo de pesquisa Ficção: arqueologia, antropologia e materialidade do conceito, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atualmente é professora de francês na Aliança Francesa do Rio de Janeiro, tradutora e Guia de Turismo.

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa explorar as nuances das relações sociais no mundo literário, especificamente no contexto da consagração ou apagamento de um escritor. Para tal, iremos dar ênfase nas relações de amizade, inimizade, pertencimento e não pertencimento como elementos determinantes no processo de canonização. Teremos como referência a situação da obra *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, (1909) de Lima Barreto, já que a obra foi malvista e ignorada pelos críticos da época de sua publicação.

O principal argumento utilizado pelos comentadores foi o fato de o romance ser um *roman à clef*, gênero literário em que pessoas reais são retratadas como personagens ficcionais, tendo suas identidades disfarçadas e nomes trocados. Esses romances, em sua vertente mais satírica, frequentemente expõem intimidades e hipocrisias de figuras notáveis. No caso específico de Lima Barreto, a maneira debochada e jocosa de como ele retratou importantes senhores, literatos e intelectuais em seu romance de estreia acabou sendo determinante para a discriminação sofrida pela sua obra, prejudicando, assim, o início de sua carreira literária.

No entanto, é interessante observar que outros *romans à clef* publicados na mesma época não sofreram o mesmo desdém por parte da crítica. Obras como *A Conquista* (1899), de Coelho Neto, e *A Esfinge* (1911), de Afrânio Peixoto, foram bem recebidas e seus autores até mesmo eleitos para a Academia Brasileira de Letras. E isso levanta a questão se a camaradagem e as relações pessoais desempenham um papel importante na canonização de autores.

Para embasar teoricamente essa discussão, este trabalho se apoia nas reflexões de autores como Bourdieu (1996), Jacomel (2018) e Muzart (1995), sobre as relações de poder e afinidade na formação do cânone literário. Além disso, também serão considerados os estudos de Bombart (2014), Lathan (2009) e Victor Neto (2020) acerca

do *roman à clef*, assim como as análises de Schwarcz (2018) e Barbosa (1975) sobre a vida e obra de Lima Barreto.

A AMIZADE E INIMIZADE NA CONSTRUÇÃO DO CÂNONE LITERÁRIO

O cânone literário é um termo amplamente discutido e estudado no campo da literatura. Refere-se a um conjunto de obras que são consideradas como os pilares da tradição literária, pois representam uma determinada época, cultura ou movimento literário ou artístico. Em seu *Dicionário de Termos Literários*, Massaud Moisés afirma que a palavra cânone “Designa os princípios literários que permitem organizar a lista de obras autênticas de um autor, bem como as obras consideradas indispensáveis à formação dos estudantes” (MOISÉS, 2004, p. 65). Ou seja, o cânone literário desempenha um papel crucial na definição e preservação da história literária, proporcionando uma base para o estudo e a análise crítica das obras que moldaram a nossa compreensão da literatura ao longo dos séculos. No entanto, é importante ressaltar que o cânone é um conceito em constante evolução, sujeito a debates e revisões, à medida que perspectivas e vozes anteriores marginalizadas ganham reconhecimento e espaço na academia. Na verdade, o cânone é mais do que apenas obras que resistiram ao tempo; fatores extraliterários, a subjetividade dos críticos e as relações de poder, também influenciaram na sua formação. Conforme aponta Jacomel:

O fato de o cânone, desde suas origens, ser formado com base na escolha realizada por um sujeito crítico e constituir-se como a base de determinado conhecimento, seja literário, teleológico ou gramatical, não lhe torna menos subjetivo que qualquer julgamento de valor. Desse modo, é possível entender que o cânone corresponde a uma das extensões do discurso dominante, a saber, as relações de poder fundamentadas em práticas burguesas (Jacomel, 2008, p.113)

Portanto, é possível prever que as relações de amizade e apadrinhamento dentro de um determinado grupo de intelectuais podem abrir portas e oportunidades para um escritor, enquanto a exclusão desse grupo pode limitar suas chances de sucesso e reconhecimento no campo literário.

As relações de afinidade entre escritores desempenham um papel crucial no processo de canonização, como enfatiza Bourdieu (1996), especialmente quando consideramos as interações entre escritores brasileiros no final do século XIX e início do século XX. No contexto da Literatura Brasileira, essas relações se tornaram ainda mais evidentes, com colaborações, amizades e influências mútuas entre os escritores, o que contribui para a formação de movimentos literários, correntes estéticas e a consolidação de determinadas obras como referências clássicas.

Essa temática é abordada por César Braga-Pinto, no livro *A violência das letras: amizade e inimizade na literatura brasileira (1888-1940)* (2018). Segundo Braga-Pinto, “a questão da amizade e das amizades torna-se uma preocupação fundamental na dita vida literária, particularmente nos círculos de jornalistas e homens de letras que se organizavam sobretudo a partir da década de 1880” (2018, p. 31). Isto significa que as relações se tornam uma preocupação importante na vida literária, especialmente nos círculos de jornalistas e escritores.

Nesse sentido, Braga-Pinto acrescenta que “no interior da própria classe letrada, praticam-se rituais de inclusão e exclusão, em que elogios mútuos e a ‘formação de panelinhas’, assim como polêmicas e insultos pessoais adquirem papel determinante” (2018, p. 31). Ou seja, dentro da própria classe de escritores, há grupos fechados e por diversas vezes desses grupos surgem escritores que não são tão importantes.

Em seu artigo “A questão do cânone”, Zahidé Lupinacci Muzart examina de forma minuciosa o impacto das relações de amizade/inimizade no processo de inclusão e exclusão de escritores nos cânones literários em formação. A autora ressalta que, muitas vezes, a amizade com figuras influentes pode ser um fator determinante

na consagração de autores pouco expressivos, como foi o caso de Afonso Celso, Urbano Duarte e Garcia Redondo, que foram incluídos na Academia Brasileira de Letras graças à sua proximidade com Machado de Assis. Por outro lado, Muzart também aponta para casos curiosos de exclusão, como o do renomado autor Cruz e Sousa, que estranhamente não foi admitido nessa mesma agremiação, mesmo diante de sua relevância literária. Esses exemplos evidenciam a complexidade das dinâmicas sociais e pessoais que permeiam a construção dos cânones literários. Para Muzart:

Estar dentro das normas é estar bem com seus pares, é frequentar as rodinhas da Garnier ou os cafés da moda, ter seus livros recebidos com notas elogiosas e artigos críticos. Os rituais de aceitação e posterior canonização incluem atos de sociabilidade aos quais alguns autores esquecidos não se submeteram (Muzart, 1995, p. 87).

No mundo literário, assim como em outros campos, é comum haver grupos e círculos sociais que se formam em torno de interesses e afinidades comuns. Esses grupos podem servir como uma fonte de apoio, inspiração e colaboração para seus membros. No entanto, esses grupos também podem ser exclusivos e elitistas, deixando de lado aqueles que não se enquadram em suas normas e expectativas. Isso pode resultar em uma segregação prejudicial para a diversidade e inclusão no mundo da literatura. Portanto é importante reconhecer a existência desses processos de exclusão e trabalhar para promover a diversidade e inclusão na literatura.

Para Braga Pinto, "tal processo de legitimação do homem letrado não ocorria sem uma dose de violência simbólica, em que a distinção social se impunha, em grande medida, por meio da exclusão – econômica, étnica, sexual" (Braga-Pinto, 2018, p. 11-12). É esse processo violento de exclusão baseado em aspectos que vão além da literatura, que pode ser atribuído ao tratamento hostil recebido por Lima Barreto ao publicar seu primeiro romance, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*.

O ESTIGMA DO ROMAN À CLEF NO CASO DO RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA

O gênero literário *roman à clef*¹ é um gênero de romance que oferece aos autores uma maneira intrigante e criativa de retratar pessoas reais por meio de personagens fictícios. Essa técnica permite ao escritor explorar assuntos delicados, revelar segredos e expor a intimidade daqueles que são retratados nas páginas do romance. Gostaríamos de ressaltar que optamos pela grafia *roman à clef* neste trabalho. Esta é a forma mais amplamente utilizada no meio acadêmico, conforme apontado por Mathilde Bombart (2014), especialista no gênero, que define o termo em “CLÉS (Textes à)” no *Le Dictionnaire du Littéraire* (2018). Ao identificar o verbete, Bombart elabora a seguinte definição:

Uma obra à clé é um texto no qual os protagonistas e lugares se referem a pessoas reais e lugares reais cujos nomes estão sujeitos a criptografia – nomes de convenção, iniciais, anagramas. A chave pode ser fornecida pelo autor no apêndice à sua narrativa ou ser reconstituída pelo leitor (Bombart, 2018a, p. 123, tradução nossa).

Ou seja, no contexto de um romance à *clef*, a chave para decodificar e compreender as personagens e eventos da história está nas mãos dos leitores que possuem conhecimento das pessoas reais que estão sendo representadas. A tradução literal da expressão *roman à clef*, isto é “romance à chave”, ressalta a ideia de que o enredo esconde conexões e alusões à realidade, convidando os leitores a desvendar os segredos por trás das camadas ficcionais .

O uso do gênero *roman à clef* na literatura pode gerar controvérsias, pois pode ser considerado invasivo e desrespeitoso ao retratar figuras reais em forma de personagens ficcionais. A natureza satírica ou amena do romance pode ser um fator

¹ O termo também pode ser escrito de outras maneiras, tais como *roman à clefs*, *roman à clés* e *roman à clé*; é também conhecido como *romance de chave*.

determinante na recepção da obra, principalmente pela crítica. Além disso, o prestígio das pessoas retratadas também pode influenciar a percepção do romance. Se elas são figuras públicas ou influentes, a obra pode ser vista como uma forma de exposição indesejada e invasiva. Por outro lado, se as pessoas retratadas são menos conhecidas ou não tem tanto prestígio, o uso do gênero pode ser encarado como uma forma de homenagem ou reconhecimento.

De fato, a crítica ao *roman à clef* varia dependendo do tipo do romance em questão. Isso porque existem dois tipos de escritas possíveis quando se trata do gênero *roman à clef*: uma mais satírica – o *roman à clef satírico* –, em que os referentes reais são atacados violentamente e seus nomes podem ser facilmente decifrados; e outra mais amena – o *roman à clef de coterie* –, que tem como objetivo proporcionar uma “diversão entre amigos” ao invés de fazer sátira. Conseqüentemente, o estigma do *roman à clef* está diretamente ligado ao conteúdo – se é mais satírico ou mais ameno – e ao prestígio das pessoas reais retratadas por meio de personagens ficcionais. Em outras palavras, a crítica pode variar dependendo de quão negativa ou positiva é a representação dessas figuras reais na obra.

Sendo assim, buscaremos inicialmente abordar tanto o silêncio dos jornais a respeito do *Recordações do escrivão Isaías Caminha* quanto a crítica severa nos comentários dos literatos à época de sua publicação. Em seguida, vamos destacar dois *romans à clef* contemporâneos ao *Recordações do escrivão Isaías Caminha*: *A Conquista* (1899), de Coelho Neto; e *A Esfinge* (1911), de Afrânio Peixoto. Ambos foram muito elogiados e reconhecidos pela crítica literária e pelos comentadores nos jornais da época. Ambos se enquadravam na vertente do *roman à clef de coterie*, enquanto o *Recordações*, por sua vez, seria um exemplar de *roman à clef satírico*. A diferença de tratamento dada a essas obras revela a parcialidade e a seletividade da crítica contemporânea ao seu lançamento.

Na obra *A vida de Lima Barreto* (1975), Francisco Assis Barbosa, dedica um capítulo inteiro aos julgamentos feitos sobre o *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Nesse capítulo, fica evidente que a crítica atacou o romance de Lima Barreto justamente por ser um *roman à clef*, considerando-o um gênero inferior de literatura:

O primeiro crítico a tratar do *Isaías Caminha* foi Medeiros e Albuquerque. Reconhecendo, embora, as qualidades do romancista – “começa pelo fim, aparece como um escritor feito” –, lamenta “as alusões pessoais”, a “descrição de pessoas conhecidas, pintadas de um modo deprimente” para condenar incisivamente o livro, que classifica como sendo “um mau romance e um mau panfleto”. “Mau romance” – explica – “porque é da arte inferior dos *romans à clef*. Mau panfleto, porque não tem a coragem do ataque direto, com os nomes claramente postos e vai até a insinuações a pessoas, que mesmo os panfletários mais virulentos deveriam respeitar” (Barbosa, 1975, p. 176).

Em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, Lima Barreto traz à tona de forma impactante elementos como o racismo e a pobreza. Ele ataca principalmente a pobreza intelectual dos “falsos” ilustres senhores da ABL e da imprensa. No entanto, os intelectuais retratados não se agradam dessa imagem e consideram as referências à realidade como principal defeito do livro, como podemos perceber no comentário de Alcides Maia relatado por Barbosa:

Alcides põe a nu o principal defeito do livro – a sua nota pessoal, que o reduz quase a um “álbum de fotografias”. Não era um romance, mas uma “verdadeira crônica íntima de vingança, diário atormentado de reminiscências más, de surpresas e de ódios”. E mais adiante: “O volume, vez por outra, dá a penosa impressão de um desabafo, mais próprio das seções livres do que do prelo literário” (Barbosa, 1975, p. 177).

Podemos perceber que Alcides Maia não conseguiu enxergar a dimensão literária da obra de Lima Barreto. Sua visão se limitou a uma leitura superficial e preconceituosa, pois a honra dos ilustres senhores intelectuais, seus colegas, o cegava. Isso revela uma postura conservadora e elitista, que contrasta com a coragem e a crítica social contidas na obra de Lima Barreto. O caráter pessoal da obra é constantemente alvo da crítica da época. Até mesmo seu amigo José Veríssimo considerou que a obra era excessivamente centrada na vida pessoal do autor. Em uma carta enviada a Lima Barreto em março de 1910, Veríssimo aponta o “excesso de personalismo” como um grave defeito do *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*:

Não lhe estou fazendo a crítica, da qual estou quase por completo afastado, e nem poderia fazê-la numa breve carta. Digo-lhe apenas chã e amistosamente a minha impressão geral do seu livro que é, e muito obrigado por ela, excelente. Há nele, porém, um defeito grave, julgo-o ao menos, e para o qual chamo sua atenção, o seu excessivo personalismo. É pessoalíssimo, e, o que é pior, sente-se demais que o é. Perdoe-me o pedantismo, mas a arte, a arte que o senhor tem capacidade para fazer, é representação, é síntese, e, mesmo realista, idealização. Não há um só fato literário que me desminta. A cópia, a reprodução, mais ou menos exata, mais ou menos caricatural, mas que se não chega a fazer a síntese de tipos, situações, estados d'alma, a fotografia literária da vida, pode agradar à malícia dos contemporâneos que põem um nome sobre cada pseudônimo, mas, escapando à posteridade, não a interessando, fazem efêmero e ocasional o valor das obras (Veríssimo, 1910, s.p.).

A obra de Lima Barreto era “pessoal” devido ao seu engajamento, o que se mantém até os dias de hoje. Mesmo que alguns críticos considerassem o gênero *roman à clef* decadente, o autor o utilizou deliberadamente como arma verbal contra as injustiças que enfrentou ao longo de sua vida. Assim, é notável que as críticas recebidas pelo autor de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* foram parciais e seletivas, uma vez

que outras obras do mesmo gênero publicadas na mesma época não sofreram punições semelhantes.

Em *A Conquista* (1899), um *roman à clef* escrito por Coelho Neto, são retratados intelectuais e boêmios cariocas em seu cotidiano, além do engajamento deles nas causas abolicionista e republicana no Rio de Janeiro dos anos 1880. O viés documental da obra é considerado de extrema importância por Murari, pois o romance é valorizado contemporaneamente mais pelo retrato que ele faz de uma geração do que por suas qualidades literárias. Através dele “seria possível flagrar, no cotidiano da vida intelectual na capital cultural do país, alguns dos mais importantes intelectuais da época: Olavo Bilac, Aluísio e Artur Azevedo, José do Patrocínio, Luís Murat, Pardal Mallet, Paula Ney (sic)” (Murari, 2011, p. 28). Muitos deles aparecem no romance com seus nomes trocados, outros não. Alfredo Bosi, em *História concisa da literatura brasileira* (1997), nos fornece as chaves desse *roman à clef*:

Avultam as figuras de Patrocínio, Paula Ney (Neiva), Pardal Mallet (Pardal), Guimarães Passos (Fortúnio), Aluísio Azevedo (Ruy Vaz), Olavo Bilac (Otávio Bivar), Muniz Barreto (Montezuma), além do próprio autor (Anselmo), envolvidos em uma aura de *panache* que, no entanto, não chega a ofuscar o verossímil da reminiscência (Bosi, 1997, p. 226)

Apesar de Coelho Neto ter sido bastante criticado por sua forma de escrita, o caráter documental e o personalismo presentes em *A Conquista*, assim como em outros romances de Coelho Neto, escritos no gênero *roman à clef*, não resultaram em críticas negativas. As críticas recebidas pelo autor geralmente são associadas aos aspectos estilísticos de sua obra, e não necessariamente à sua natureza *à clef*.

Embora se trate de um *roman à clef*, o romance *A Conquista*, de Coelho Neto, se encaixaria na vertente mais branda do gênero, ou seja, no *roman à clef de coterie*. Isso significa que o livro retrata personagens e eventos da vida real de forma mais sutil e delicada, evitando confrontações diretas com figuras públicas ou críticas

contundentes. Essa abordagem provavelmente contribuiu para evitar ataques da crítica, apesar do forte personalismo presente na obra:

Ao contrário do que havia feito José de Alencar em *Guerra dos Mascates*, Coelho Neto fez um *roman à clef* de *coterie*, onde procede ao retrato de si e de seus pares (...). Desse modo, a polêmica que tão comumente acompanha a publicação de um romance do gênero em seu viés mais satírico parece não ter lugar em torno de *A Conquista* (Victor Neto, 2020, p. 187-188).

A obra *A Esfinge* (1911), de Afrânio Peixoto, também utilizou o *roman à clef* sem receber críticas negativas por esse aspecto. Ao contrário do *Recordações*, esse romance foi amplamente aclamado pelo público e pela crítica, especialmente pelos comentadores literários da época. Ambientado na alta sociedade carioca, o livro narra a história do jovem artista Paulo Andrade e sua prima Lúcia, que se casa por interesse com um deputado, negligenciando assim o amor de Paulo. Nessa obra, Peixoto representa a mulher como uma esfinge, um enigma a ser decifrado: “a esfinge moderna é uma mulher bela, educada, refinada, enigmática, afeita aos jogos da sedução, com o objetivo de caçar um marido” (Martins, 2004, p. 219).

Contemporaneamente, é praticamente impossível estabelecer uma relação direta entre as personagens ficcionais e as pessoas reais às quais elas faziam referência. No entanto, é amplamente conhecido que a obra em questão se enquadra no gênero *roman à clef*, no qual o próprio autor também figura como “o sábio médico Dr. Lisboa, alter ego de Peixoto” (Martins, 2004, p. 219).

O romance foi escrito com o objetivo de justificar a escolha de Afrânio Peixoto para ocupar a cadeira de Euclides da Cunha na Academia Brasileira de Letras. Mesmo estando fora do Brasil durante sua eleição para a ABL, o autor escreveu o romance em apenas três meses, reproduzindo através do seu olhar não só aspectos de sua época, como também sua inserção nela. Sendo assim, por que a crítica de

literatura foi tão cruel com Lima Barreto e não com Afrânio Peixoto? Talvez o fato de o romance *A Esfinge* não se tratar de um *roman à clef* satírico tenha sido determinante para que a crítica não o tenha condenado por ter sido escrito *à clef*, afinal, Peixoto era um membro daquela *coterie*. Além disso, as diferenças de status entre Afrânio Peixoto e Lima Barreto; um médico branco bem-nascido em contraste com um homem negro, funcionário público, morador da periferia, podem ter influenciado a forma como a crítica literária os tratou. Soma-se a isso o fato de que Peixoto pertencia aos meios refinados dos intelectuais e acadêmicos da época; enquanto Barreto enfrentava problemas com álcool e não teve sucesso em suas candidaturas à ABL, mesmo se candidatando três vezes. Esses fatores podem ter contribuído para a disparidade no tratamento crítico recebido por ambos os escritores. Segundo Barbosa:

À condição de mulato, Lima Barreto atribuiria sem dúvida a má vontade para com o seu livro de estreia. No seu entendimento, a restrição ao romance *à clef* não passava de simples pretexto, encobrindo o verdadeiro objetivo do revide. Tendo o complexo da cor como ponto de partida, o escritor começava a traçar paralelos entre o "seu" caso e o dos "outros". *A Esfinge*, de Afrânio Peixoto, por exemplo, era também um romance *à clef*, retratando a vida mundana do Rio de Janeiro e de Petrópolis.

Publicado em 1911, dois anos após o aparecimento do *Isaías Caminha*, a crítica foi unânime em elogiá-lo. Ninguém se lembrou de falar nos romances *à clef* como um gênero inferior de literatura. E por quê? – indagaria consigo mesmo. Simplesmente porque Afrânio Peixoto pertencia ao grupo dos donos da inteligência e da cultura. E ele, Lima Barreto, não passava de um "roto".

Dentro da lógica do desprezado, a comparação é perfeita. O autor vitorioso era de fato a antítese do confrade humilde, que morava nos subúrbios e exercia modestíssima função na Secretaria da Guerra. Afrânio Peixoto, ao contrário, muito moço ainda, participava das grandes instituições do país, das academias e das faculdades, como um pequeno sábio. E, além do mais, era branco (Barbosa, 1975, p. 182-183).

Victor Neto (2020) destaca que não se deve desconsiderar o peso das questões raciais e sociais, porém, é fundamental considerar as diferentes naturezas das obras de Lima Barreto e Afrânio Peixoto. Enquanto Lima Barreto criou um *roman à clef* satírico e mordaz, Afrânio Peixoto optou por um *roman à clef de coterie*, uma espécie de entretenimento social entre amigos, desprovido de críticas aos seus pares intelectuais e homens de letras, quando muito, atingia apenas a frivolidade de uma possível mulher da sociedade carioca em um meio intelectual majoritariamente masculino. Barbosa ilustra claramente essa situação quando afirma que:

Os senhores da literatura, os que vestem casaca e frequentam a Livraria Garnier, jamais lhe perdoarão a ousadia da violenta arremetida, as diatribes ferinas que dirigira a certos príncipes do jornalismo e das letras, as caricaturas cruéis que ainda hoje cobrem de ridículo medalhões cheios de empáfia, os mais importantes medalhões da época (Barbosa, 1975, p. 182).

Lília Schwarcz compartilha da mesma percepção sobre a parcialidade presente na crítica literária ao analisar a condenação do *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* e na aclamação do romance *A Esfinge*, de Afrânio Peixoto. Ela destaca como ambos os livros dialogam com a realidade, trazendo elementos extraliterários para dentro da ficção, o que evidencia a importância de considerar essas obras em seu contexto social e histórico:

Recordações saiu em 1909 e recebeu uma crítica impiedosa, que o acusou de ser um romance *à clef*, isto é, muito influenciado pela experiência pessoal do autor e, portanto, carente de imaginação: Se o leitor tivesse a chave em suas mãos, não demoraria a identificar as personagens reais ocultas por detrás da ficção. Já o romance de Peixoto, *A esfinge*, publicado dois anos depois, e também baseado na biografia de seu autor, nunca teve o prestígio abalado por isso. (...) O problema não estava, portanto, no

gênero; parecia mais endereçado à obra de Lima, e aos ataques que ele insistia em desferir contra o jornalismo (Schwarcz, 2017, p. 213).

De fato, fica claro que a restrição imposta ao *roman à clef* de Lima Barreto serviu como um mero pretexto para os críticos desmerecerem seu romance, uma vez que eles próprios, juntamente com seus colegas, eram retratados na obra. Embora a justificativa principal fosse o caráter memorialista e pessoal do livro, é evidente que, ao analisar criticamente as obras de outros escritores que também haviam lançado mão do *roman à clef* em seus escritos, essas características foram convenientemente ignoradas. Em outras palavras, o incômodo gerado pelo *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* residia em sua temática provocativa e o caráter satírico, no qual Lima Barreto habilmente utilizava sua genialidade para expor a hipocrisia e as contradições do meio literário e jornalístico daquela época.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao examinarmos atentamente a dura crítica que foi lançada sobre o romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* na época de sua primeira publicação, sob a alegação de ser um *roman à clef* e, portanto, uma forma inferior de literatura, carente de imaginação, torna-se evidente a parcialidade flagrante dos comentadores literários. Essa parcialidade é claramente revelada ao compararmos o tratamento dado a outros dois *romans à clef* contemporâneos ao *Recordações*: *A Conquista*, de Coelho Neto, e *A esfinge*, de Afrânio Peixoto, este último publicado apenas dois anos após a obra de Lima Barreto. Enquanto o argumento ao *roman à clef* foi rigidamente aplicado ao *Recordações*, escondia-se uma retaliação velada da elite intelectual da época, cujo pedantismo e pretensão haviam sido satirizados de forma contundente no romance de Lima Barreto. Curiosamente, esse mesmo argumento não fora igualmente aplicado aos *amigos*. Dessa maneira, a máxima de Maquiavel sobre favores aos amigos e a lei aos inimigos parece ajustar-se perfeitamente para ilustrar as

complexas relações de amizade e inimizade como fatores determinantes na canonização ou não-canonização dos escritores no contexto literário brasileiro do final do século XIX e do início do século XX.

REFERÊNCIAS

- Barbosa, F. A. (1988). *A vida de Lima Barreto. 1881-1922*. Edusp.
- Barreto, L. (1999). *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Escala.
- Bombart, M. (2018). Clés. In ARON, P., SAINT-JACQUES, D., VIALA, A. *Le Dictionnaire du Littéraire*. Presses Universitaires de France.
- Bosi, A. (1997). *História concisa da literatura brasileira*. Cultrix.
- Bourdieu, P. (1996). *As Regras da Arte: Gênese e Estrutura do Campo Literário*. 1 ed. Trad. Maria Lúcia Machado. Companhia das Letras.
- Braga-Pinto, C. (2018). *A violência das letras: amizade e inimizade na literatura brasileira (1888-1940)*. EduERJ.
- Jacomel, M. C. W. (2008, Dezembro). Relações de Poder e a Literatura Brasileira. *Revista Grifos*. 25, 109-121. Disponível em:
<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/grifos/article/view/658/421>.
- Martins. (2004). *Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX*. Fiocruz.
- Moises, M. (2004). *Dicionário de termos literários*. Cultrix.
- Murari, L. (2011, Janeiro/Junho). Sob o tênue véu da ficção: três eventos da história brasileira nos romances de Coelho Neto. *Navegações*. 4, 1, 26- 39.
<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/navegacoes/article/view/9435>.
- Muzart, Z. L. A questão do cânone. *Anuário de Literatura*, 3, 3, 85-93, 1995.
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/5277>.
- Schwarcz, L. M. (2017). *Lima Barreto - triste visionário*. Companhia das Letras.
- Veríssimo, J. (1910). *Carta 05 mar. 1910, [Rio de Janeiro], a Lima Barreto, sobre o livro "Recordações do Escrivão Isaías Caminha"*. Enviado a Lima Barreto. 1 doc. (8 p.). Acervo virtual da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil. Localização: Manuscritos - I-06,32,821
- Victor Neto, J. (2020). *O roman à clef amazônico Chibé, de Raimundo Holanda Guimarães: anacronismo, poética da emulação e suas circunstâncias*. 2020. 513 f. Tese [Doutorado em Letras] - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.